

A close-up, artistic photograph of a person's face, focusing on the eye and cheek area. The image is in warm, soft tones. Overlaid on the image is the text 'SEMPRE QUE ACORDO' in a large, white, sans-serif font.

SEMPRE QUE ACORDO

CRIAÇÃO DE LARA MESQUITA
COM CIRILA BOSSUET E LARA MESQUITA

21 A 31 DE JANEIRO DE 2021
CAL - CENTRO DE ARTES DE LISBOA

SINOPSE

SEMPRE QUE ACORDO

Num dispositivo de conferência-performance, duas mulheres negras inventariam o trauma do racismo português. Perante a consciencialização dessa “condição especial” de existir e depois da investigação dos seus efeitos na construção da identidade dessas mulheres, SEMPRE QUE ACORDO acontece como meio de denúncia de informação “privilegiada”.

Biografia e memória.

Análise e interpretação.

Partilha.

A palavra [preta] significa infortúnio. Quer dizer desafortunada, malfadada. Significa condenada. Mas eu não sou o significado de um nome que não escolhi.

Em *Desdémona*, de Toni Morrison

MEMÓRIA DESCRITIVA

CONTEXTO

Ao crescer fui confrontada com a (quase) inexistência de mulheres negras empoderadas no meu circuito sociocultural. A minha mãe, por ser minha mãe, e a minha professora da escola primária foram as únicas referências positivas de mulher negra a que tive acesso. Inevitavelmente isso toldou a minha visão do mundo, o que acabou por condicionar o entendimento das minhas possibilidades, traindo as minhas ambições. Com este espectáculo espero poder contribuir para a mudança deste paradigma.

SEMPRE QUE ACORDO é um espectáculo que analisa o racismo estrutural, em Portugal, como factor determinante na construção da identidade de duas mulheres negras portuguesas.

Partindo da biografia das artistas é construída uma narrativa, mais ou menos ficcional, que se passeia entre o passado e o presente e que evidencia alguns pontos-chave da condição particular de ser negra em Portugal. Esses episódios servem de catalisadores para o reconhecimento e compreensão dessa vivência.

Porque me sinto inferior relativamente a quaisquer pessoas brancas? Serei racista? Porque tenho mais amigos brancos que negros? O que significa eu gostar, quando criança, que os meus amigos dissessem que eu era branca? Que poder teve o meu pai sobre a minha mãe, sendo ele um homem branco e ela uma mulher negra? Porque só tive relações amorosas com homens brancos? Ser negro de pele clara é diferente de ser negro de pele escura? Como? Porque só agora sinto necessidade de defender a minha negritude?

Debatermo-nos com interrogações desta natureza, dando corpo à tentativa de resolução das mesmas, serve este espectáculo como ferramenta provocatória do pensamento. Nosso e do público.

A falta de representação, a infância, a desigualdade, a educação, o sofrimento, o silêncio, a negação, o medo, as relações inter-raciais, o fingimento, a herança cultural, os amigos, as nossas mães, o trabalho, a sociedade, Portugal, o mundo, Toni Morrison, Grada Kilomba, bell hooks, os efeitos do colonialismo. A vergonha. E, depois, o orgulho.

Tudo gatilhos.

Todas inspirações.

Numa sala de conferências o público junta-se às artistas, em volta de uma grande mesa oval, para assistir a uma apresentação que é aberta a discussão.

Trata-se, inevitavelmente, de um espectáculo com carácter político, mesmo sem ser essa a sua motivação. Não é possível, contudo, fugir à conotação a partir do momento em que me proponho a levantar questões de carácter histórico e social. É, no entanto, mais simples que isso. É real.

Antes de ser qualquer outra coisa, sou mulher negra. Sempre que acordo, pela manhã, tenho de lutar pela minha existência ao impô-la. O (não) privilégio começa nesse lugar; este espectáculo é sobre isso.

LARA MESQUITA

CRIAÇÃO, TEXTO E INTERPRETAÇÃO



Lisboa. 1986. Filha de mãe moçambicana e pai português. Estudou ciências no ensino secundário. Frequentou a licenciatura em Psicologia, no ISPA (2005) e em Direito, na Universidade Lusíada de Lisboa (2007/2009). Concluiu o curso de formação de actores, pela In Impetus (2010). Licenciada em Teatro - Ramo Actores, ESTC (2016). Em 2011 dirige a sua primeira criação, *Leitura Encenada* no espaço cultural HANGAR. Em 2014 encena a peça *Estrelas no Céu da Manhã* de Aleksandr Galine, no âmbito do evento "E se um dia a casa cai", ESTC. Estreia-se profissionalmente enquanto actriz com o espectáculo *A Geração da Utopia*, encenado por Guilherme Mendonça para o Teatro Griot, Teatro A Barraca (2014). Em 2015 participa no espectáculo *Narciso* encenado por Luís Miguel Sintra, no Teatro da Cornucópia. Trabalhou também com Jean Paul Bucchieri, Álvaro Correia, Francisco Salgado, André e Teodósio, Ricardo Cabaça e *As Crianças Loucas*. Deu aulas de expressão dramática a crianças do primeiro ciclo do ensino básico. Em 2020 criou e monitorizou o workshop "Artes nas Férias" para a Fábrica das Artes - CCB.

CIRILA BOSSUET

INTERPRETAÇÃO

Licenciada em Teatro - Ramo Actores, ESTC (2016) Foi estagiária no Teatro Nacional D. Maria II (2016/17). Trabalhou com Miguel Fragata, João Brites, Carlos J. Pessoa, Pascal Rambert, Pedro Alves.



ISABEL COSTA

ASSISTÊNCIA À DRAMATURGIA

Licenciada em Teatro (ESTC/Universidade de Warwick/UNIRIO). Mestre em Cultural Narratives, especialização em Performance Art. Em 2017 cria *Estufa - Fria - A Caminho de uma Nova Esfera de Relações* na Bienal de Jovens Criadores, e a primeira edição do Projeto *Manifesta*. Em 2019 cria *Maratona de Manifestos* e *Salão Para o Século XXI*.

MARCO MENDONÇA

ASSISTÊNCIA À DRAMATURGIA

Nasceu em Moçambique. Licenciado em Teatro - Ramo Actores, ESTC. Trabalhou com The Lisbon Players, Tiago Rodrigues, João Pedro Vaz, Miguel Fragata e Inês Barahona, Faustin Linyekula, Tonán Quito, Mala Voadora. Em 2019 estreou-se como autor e co-criador em *Parlamento Elefante*, projecto vencedor da primeira edição da Bolsa Amélia Rey Colaço.



MATILDE JALLES

PRODUÇÃO

Licenciada em Teatro. Trabalhou com a companhia Bred In The Bone, como produtora e assistente à curadoria no Festival Internacional Rêves D'Avant L'Aube, com Matthieu Bellon. Produziu *Unspoken* da Companhia do Sítio.

Produziu o filme *Stoners/Slices of Infinity*, premiado no LA Jolla Fashion Film Festival, Sarajevo Fashion Film Festival e Moscow Shorts Film Festival.

SOFIA PANCADA

COMUNICAÇÃO

Licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas pela FLUL, realizou uma Pós-graduação em Comunicação de Cultura e Indústrias Criativas, na FCSH, onde também concluiu o curso intensivo de Jornalismo Cultural e Produção de Conteúdos em Contexto Digital. Em 2020 colaborou com o Diário de Notícias e escreveu, na área da comunicação de cultura, para o Festival de Teatro de Almada e para o Festival TODOS.

JOANA NIZA BRAGA

OPERAÇÃO/EDIÇÃO DE SOM

Licenciada em Cinema, especialização em Som. Sound designer em *Balada de um Batráquio*, de Leonor Teles. Tem trabalhado na Loudness Films como editora de som (*Terra Franca*, de Leonor Teles; *Variações* de João Maia; *Colour Out of Space*, de Richard Stanley) e também como foley mixer, onde trabalhou em projectos nacionais e internacionais de produtoras como Netflix, CBS, Universal. Galardoada com o CAS Award for Outstanding Sound Mixing for a Motion Picture Documentary, por *Free Solo*, filme premiado com o óscar de Melhor Documentário em 2019.

SARA P. MENDES

OPERAÇÃO DE IMAGEM

Licenciada em Cinema - Realização, ESTC (2016). Trabalhou com a RTP 2 nos programas Zig Zag e Movimento Gentil. Realiza vídeos para festivais e para a revista digital Rimas e Batidas.

PEDRO GANCHO

MONTAGEM

Licenciado em Som e Imagem pela ESAD.CR. Curso de Pós-Produção Audiovisual, Restart. Frequentou o Mestrado em Cinema na UBI, Universidade da Beira Interior. Realizador e operador de imagem em: Teatro Maria Matos, Culturgest e Teatro do Bairro Alto. Montador para: Jorge Pelicano, João Pedro Plácido, Pedro Jarnac de Freitas ou Pedro Mesquita, EGEAC, Festival IndieLisboa, Institut Français du Portugal, Cedro Plátano.

CONTACTOS

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO

Matilde Jalles

T.: 912300707

E.: semprequeacordo.espectaculo@gmail.com

COM O APOIO DE

LARGO
RESIDÊNCIAS

CAL
Centro de Artes de Lisboa